

AMOR ET DOLOR OVÍDIO, O POETA ELEGÍACO NA URBS

Eliana da Cunha Lopes (FGS e USS)

RESUMO

AMOR et DOLOR foram os alicérceres que enriqueceram sobremaneira a obra do poeta. Isolado dos familiares, distante de Roma, no longínquo Ponto Euximo, Ovídio consegue elaborar uma rica obra de cunho inteiramente pessoal, com versos eivados de dor e saudades: *DOLOR*, no desterro, que os aproximam das mais modernas elegias.

A primeira pessoa é enfatizada, o subjetivismo é a marca da elegia do poeta. O tom confessional é harmonizado, com muita habilidade. Há um aprimoramento formal particular ao estilo ovidiano. O constante meditar, a busca eterna de compreensão dos seres e da natureza fazem-se presentes quando o poeta dispensa atenção primordial à análise do comportamento humano.

Com Ovídio, encerra-se a galeria dos grandes poetas elegíacos latinos e, como eles, soube desenvolver, com mestria, a elegia temática amorosa. O mundanismo faz-se presente em várias obras ovidiana. Este, provavelmente, foi a causa que o levou à dor e ao sofrimento *DOLOR* que o banuiu do convívio de Roma.

Iniciou, por volta dos vinte anos, a composição do seu cancionero amoroso com a obra *AMORES*. Ovídio deu a sua amada *AMOR*, o pseudônimo de Corina alusão feita à pretensa professora de Píndaro.

Procurar-se-á, neste trabalho, mostrar que *AMOR et DOLOR* marcaram a trajetória da vida do poeta sulmonense: *AMOR*, por Corina, na *URBS* e *DOLOR*, no Pontus Euxinus.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Dolor; Ovídio; Elegia; Latim

Públio Ovídio Nasão é um escritor relativamente tardio na literatura latina. Nasceu em 43, na segunda metade do século I a.C., em Sulmona, Abruzzos, Itália, mas que iria perpetuar, de forma indelével, seu nome e sua fama na *URBS*, na península itálica e no mundo. Não viveu diretamente os períodos mais conturbados da história de Roma. Nasce depois do assassinato de César (100 a.C.-44). Cícero (106 a.C.-43 d.C.) e Virgílio (79 a.C.-19 d.C.) foram-lhes apresentados em estudos literários; assim como a instabilidade que se sucedeu à morte do ditador César, a guerra contra os cesaricidas, as condenações e o segundo triunvirato. O auge do conflito entre Otávio e Marco Antonio, que culminou na batalha de Ácio, em 31 a

C. .Estes acontecimentos não exerceram sobre Ovídio o mesmo fascínio que exerceu sobre Cícero, Virgílio e Horácio.

Vivendo sob o império de Augusto, participou das modificações decisivas da época. Acompanhou a trajetória que culminou na *Pax Romana*, vivenciou a implantação das políticas dos *princeps*, participou da evolução social e cultural da *URBS*, a cidade eterna, e atuou intensamente nas conseqüências determinadas pela consolidação de uma estrutura imposta pelo imperador.

Oriundo de família abastada da classe dos *equites* (cavaleiros), Ovídio foi enviado, ainda muito jovem, juntamente com seu irmão mais velho, a Roma onde recebeu esmerada e completa formação retórica com os mestres Aurélio Fusco e Pórcio Latrão. O irmão se debruçava avidamente sobre a eloqüência e sobre o direito, mas Ovídio logo se deu conta de que a vida no fórum não era a sua preferência e que, como deixa claro em sua obra, o desprezava.

Ingrato...foro?

(*Amores*, I, XV.06)

fórum ingrato

Contemplo..... Foro

(*Ars Amatoria*, III, 542)

fórum desprezível

Sua inspiração, para desgosto de seu pai que almejava vê-lo como um novo Cícero, levava-o para as musas. Cada vez mais, Ovídio conscientizava-se de que nascera para a poesia, ser poeta era seu objetivo, como registra em sua obra:

Et quod temptabam dicere uersos erat...

A vida política de Roma e o governo absoluto do Imperador Augusto apenas interessavam aos que aspiravam à carreira política e que o vírus da política o submetessem aos caprichos do Imperador. Estas não eram a ambição de Ovídio, grande apreciador do convívio com os poetas, que eram, nesta época, numerosos em Roma.

Ainda jovem, tornou-se o poeta conhecido e privilegiado de uma sociedade culta, frívola e elegante. Era figura indispensável nos banquetes e festas romanas. O próprio Ovídio confessa na sua obra *Ars Amatoria*, II, 738 *ser um grande amoroso*:

...tantus amator ego.

Amou todas as mulheres que pôde. As cultas, as incultas, as descaradas, a *flaua Chlide* (Am.VII, 23), a *candida Pitho* (Am.,VII,23), *Libas* (Am.,VII, 24). *Corina* é o símbolo das mulheres que fizeram parte de sua vida. O poeta amava todas as mulheres desde que não ultrapassassem a idade ideal para os prazeres amorosos. Amou-as intensamente com amou a *URBS*. Durante muito tempo, Ovídio, o último poeta elegíaco da literatura latina, freqüentou a cidade imperial, conheceu-lhe o luxo, a glória, a riqueza, o mundanismo, a ociosidade, a cultura intelectual e artística.

Ovídio canta, em sua obra *AMORES*, o seu romance com Corina e deixa registradas suas facetas amorosas. Com esta obra,o poeta sulmonense, inicia o longo ciclo erótico que compreende a poesia da primeira face ovidiana, e sua enorme produção em dísticos elegíacos, que o torna ímpar no aperfeiçoamento deste metro. Nesta obra, Ovídio nos mostra traços documentais da vida social de Roma de sua época

Em Amores, V, 9-10 canta o *AMOR*, na *URBS*, com sua amada *CORINA*:

Ecce Corinna uenit, tunica uelata recincta,
Candida diuidia colla tegente coma;

Eis que chega Corina numa túnica ligeira, os cabelos cobriam seu alvo pescoço;

Descreve, em *AMORES V*,17-20, lembrando-nos Catulo, a beleza carnal da mulher amada, sem nenhum defeito.

Ut stetit ante oculos posito uelamine nostros,
In toto nusquam corpore menda fuit.
Quos umeros, quales uidi tetigique lacertos!
Forma papillarum quam fuit apta premi!

Ficou em pé, sem roupa alguma, diante dos meus olhos. Não havia, em seu corpo, um único defeito. Que ombros e que braços a mim foi dado ver, tocar! Os belos seios, que deleite comprimi-los!

Como em Catulo,V,7, onde o número de beijos deve ser infinito e a quantidade, apenas uma referência:

Da mi basia mille, deinde centum, ...
dá-me mil beijos, depois outros cem,...

Em *AMORES*, II, 4. v.10, para o amante, as causas também são infinitas para amar:

Centum sunt causae cur ego semper amem.
Cem são as causas de eu andar sempre amoroso.

O objeto do amor podia ser de qualquer nível social, desde que estivesse na idade da volúpia e que satisfizesse o amante na cama, como nos deixa claro em *AMORES*, II, 13-14

Siue procax aliqua est, captior quia rustica non est
Spemque dat in molli mobilis esse toro.

Mas se é descarada, seduz-me por não ser bisonha e faz supor que deve ser ágil na cama.

Em *AMORES*, II, 4, 17-18, o poeta encontra o amor tanto na amante *docta* quanto na *rudis*:

Siue es docta, places raras dotata per artes;
Siue rudis, placita es simplicitate tua.

Se és culta, me agradas por tuas artes invulgares; se és inculta, me apraz tua simplicidade.

Côncscio de seu gênio criador e de ser um verdadeiro amante faz a seguinte observação:

Et quae Callimachi prae nostris rustica dicat
Carmina; cui placeo, protinus ipsa placet;

(Am.,II, 4, 19-20)

Uma diz que, perto dos meus versos, os de Calímaco são toscos;se lhe agrado, ela também me agrada;

No livro II da *Arte de Amar*, v. 739-40, ratifica:

Me uatem celebrate, uiri, mihi dicite laudes:
Cantetur toto nomen in Orbe meum.

Homens, o vosso poeta celebrai! Enchei-me de louvores. Seja o meu nome no universo inteiro festejado.

A primeira pessoa é enfatizada, o subjetivismo é a marca da elegia do poeta. O tom confessional é harmonioso e escrito com muita habilidade o que o torna um mestre e um discípulo na arte de seduzir como nos revela em *AMORES*, II,, 29-31:

Illa placet gestu numerosaque brachia ducit
Et tenerum molli torquet ab arte latus;
Ut taceam de me, qui causa tangor ab omni,

Outra me apraz pelos gestos dos braços harmoniosos, pela arte com que torce o flanco sensual, e nada digo de mim próprio, a quem incita tudo.

Todas suas amantes recebem uma característica amorosa ou sensual as quais, sem interrupção, atende-as sexualmente:

At nuper bis flaua Chlide, ter candida Pitho,
Ter Libas officio continuata meo est;

(Am. ,III,23-24)

E há não muito, sem interrupção, dei duas na loura Clide, três na branca Pito e três em Libas

A trajetória amorosa de Ovídio na *URBS*, até a data do *relegatio*, foi marcada pelo *AMOR* das amantes que ambicionavam seus prazeres, pela que seduziam e pelas que se deixavam seduzir e como amante, a todas ambicionava, como confessa nos versos de *AMORES II, 4*.

Haec habilis breuitate sua est; corrumpor utraque
Conueniunt uolo longa breuisque meo.;

(35-36)

A outra, pequena, está sempre à mão; ambas seduzem-me;convêm ao meu desejo a grande e a pequena.

Candida me capiet, capiet me flaua puella,
Est etiam in fusco grata colore uenus.

(39-40)

A de tez alva me seduz, seduz-me a rubicunda,até mesmo na cor fusca há encanto e graça

Seu flauent, placuit croceis Aurora capillis.
Omnibus historiis se meus aptat amor.

(43-44)

Se são louros, Aurora agradeou pelo ouro dos cabelos, o meu amor se ajusta a todas as histórias.

Denique quas tota quisquam probat Urbe puellas,
Noster in has omnis ambitiosus amor.

(47-48)

Em suma, as jovens todas a que Roma rende preito, a todas elas ambiciona meu amor.

Na obra *ARS AMATORIA* (Arte de Amar)- uma doutrina sobre a técnica amorosa, o poeta viria a converter-se em uma espécie de *Magister* do amor como nos revela nos versos de *Arte de Amar, II, 744* e *Arte de Amar, III, 812*.

Naso Magister erat.
Ovídio foi nosso mestre!

Nesta obra, também escrita em dísticos elegíacos, Ovídio desvenda o universo social de sua época, onde o amor é o corpo do poema, nos versos 1-4, I:

Siquis in hoc artem populo non nouit amandi,
Hoc legat et lecto carmine doctus amet.
Arte citae ueloque rates remoque mouentur,
Arte leuis currus. Arte regendus amor.

Se alguém há de nossa gente que a arte de amar não conhece, leia este canto; e, depois de ter lido, entregue-se, com sabedoria, ao amor. É pela arte e pelas velas e pelos remos que as naus velozes são movidas; é a arte que impele o carro ligeiro; a arte deve comandar o Amor.

É evidente, nos versos supra, o uso excessivo e enfático da palavra *ars* que fazendo parte do título do livro (*Ars Amatoria*) é repetida na maioria dos dísticos, por meio de anáfora, disposta estrategicamente nos versos. Para o poeta a *ARS* de seduzir deve comandar sempre o *Amor*.

A obra ovidiana *Ars Amatoria* apresenta-se dividida em três livros, cada um com um tema definido. No primeiro, composto de 770 versos, em dísticos elegíacos, o poeta o dedica aos homens transmitindo-lhes os ensinamentos mais eficazes na arte de seduzir o seu objeto do desejo. Ensina-lhes como se dirigir às mulheres, quais as palavras adequadas na hora da corte, os gestos e os artifícios mais convincentes. Revela-os também os lugares mais freqüentados pelas mulheres e, assim, propícios à caçada que poderá culminar no verdadeiro amor ou, apenas, numa diversão.

Se tu praecipue curris uenare theatri:
Haec loca sunt uoto fertilia tua.
Illic inuenis quod ames, quod ludere possis,
Quoque semel tangas, quodque tenere uelis.

(A A. 89-92)

Mas tu organiza a tua caçada, em especial, nas bancadas dos teatros: tais lugares são muito férteis para o teu desejo; ali encontrarás o que podes amar, o que podes usar por diversão, o que podes tocar e largar, e o que podes ter vontade de conservar.

Os lugares poderiam ser o teatro, como também, o circo, o fórum, os lugares das festividades romanas onde, certamente, haveria um grande número de mulheres.

No livro II, tendo também como destinatário o homem, o caçador, o poeta ensina-lhes a *ars* de conservar os favores da mulher que foi conquistada mas que precisa a qualquer preço ser conservada.

Non satis est uenisse tibi, me uate,puellam;
Arte meã capta est:arte tenenda meã est.
Nec minor est uirtus, quam quarere, parta tueri;
Casus inest illic;hic erit artis opus.

(A.A., II, 11-14)

Não basta que, pela força de meus versos, ao teu encontro tenha vindo a amada; pela minha arte foi ela conquistada, pela minha arte a hás de conservar. Menor engenho não precisas para manter as conquistas, do que aquele que usaste para as realizar. Na conquista o acaso toma parte. A conservá-la te ensinará a minha arte.

O livro III, é dedicado as mulheres conquistadas. A estas, são ensinados os melhores métodos para agradar aos homens.

Munditis capimur: non sint sine lege capilli:

(A A.,III,.133)

Pela elegância somos conquistados. Não deixes os teus cabelos em desordem.

Neve forent duris aspera crura pilis.

(ibidem, v. 194)

e feias são as pernas de rudes pêlos eriçadas.

Est mihi, quo dixi uestrae medicamina formae,
Paruus, sed cura grande, libellus, opus:
Hinc quoque praesidium laesae petitote figurae;
Non est pro uestri ars mea rebus iners.

(ibidem, 205-8)

Mulheres: para servir vossa beleza um tratado escrevi: breve tratado, porém obra importante pelo cuidado que a essas linhas dediquei. Aí socorro encontrareis contra os ultrajes que vos ofendam a figura. Minha arte está pronta para tudo o que interessa à vossa formosura.

Na *Ars Amatoria*, I, 29-34 o poeta pede que a mãe do Amor, Vênus, o favoreça nos desígnios amorosos, pois não vê crime algum nos amores furtivos.

Usus opus mouet hoc;uati parete perito.
Vera canam; coeptis, mater Amoris, ades.
Este procul, uitae ténues, insigne pudoris,
Quaque tegis médios instita longa pedes.
Nos Venerem tutam concessaque furta canemus,
Inque meo nullum carmine crimen erit.

A experiência é o motor desta obra; submetei-vos ao poeta e à sua mestria. É a verdade o que vou cantar; os meus desígnios, ó mãe do Amor, favorece-os. Longe daqui, grinaldas delicadas, emblema de pudor, e vós, longas pregas, que velais, até ao meio, os pés; Vênus livre de riscos e lícitos amores furtivos, isso hei de cantar, e no meu canto crime algum terá lugar.

Ovídio, como conhecedor da *Urbs* onde vive intensamente, deixa patente em sua obra que se algum poeta/amante/poeta desejar desfrutar dos encantos femininos, das mais sedutoras jovens, estes prazeres têm uma farta legião em Roma., pois Roma é a cidade dos encantos femininos.

Quot caelum stellae, tot habet tua Roma puellas;
Mater in Aeneae constitit urbe sui.
Seu caperis primis et adhuc crescentibus annis,
Ante oculos ueniet uera puella tuos;
Siue cupis iuuenem, iuuenes tibi mille placebunt,
Cogeris et uoti nescius esse tui;
Seu te forte iuuat sera et sapientior aetas,
Hoc quoque, crede mihi, plenius agnoscet erit.

(A.A., I, 59-66)

Quantas estrelas possui o céu, tantas damas possui a tua Roma; a Mãe fixou residência na cidade do seu Enéas. Se te deixas cativar pela tenra idade e pelos anos que vão crescendo, diante de teus olhos há de surgir uma verdadeira donzela; se desejas uma jovem, jovem mil não de ser do teu agrado, e não de forçar-te a seres incapaz da tua escolha; se acaso te apraz a idade madura e mais sabida, esta mesmo. Podes crer-me, é a legião mais farta.

Chega o ano de 762 de Roma e o oitavo da era cristã. Ovídio, com quase cinquenta anos, foi surpreendido por um édito proferido pelo Imperador Augusto que, segundo o poeta, nos *Tristia*, I, 1,3, ele fora *exsulis* (exilado) da cidade eterna .

(...) qualem decet exsulis esse;

A trajetória ovidiana foi marcada por uma moeda de duas faces. A primeira, o Amor vivido intensamente na *URBS*, a segunda, pela *Dolor*, em Tômis.

O poeta dos *FASTI*, o mais respeitado de Roma, após a morte de Horácio em 8 d.C, encontrava-se, nesta época, na fase áurea de todo seu percurso poético. O poeta das *Metamorfosis libri XV* encontrava-se na ilha de Elba com o amigo Cota Máximo, filho de Messala Corvino, quando recebeu a notícia de que Augusto o mandava retornar a Roma. Vivendo na cidade que ostentava o título

de cidade centro do mundo, nada lhe faltava. Desfrutava de um bom convívio familiar junto à sua terceira mulher, Fábica e da filha que lhe fizera avô duas vezes, assim como, da amizade das pessoas bem sucedidas, de riqueza e saúde. Era detentor de uma coleção poética que o destacava dentre os poetas da época. Tinha glória e fama e, sobretudo, a certeza de que seu nome figurava entre os poetas eleitos pelos romanos.

Numa das noites do mês de novembro do ano 8 de nossa era, um raio fulminante caiu-lhe sobre a cabeça, mas não enviado pelos deuses. Um édito do amigo e, anteriormente, protegido, o Imperador Augusto o exilava de Roma para um dos mais longínquos limites até então do império romano. O poeta das *Heroides* foi enviado para Tômis, hoje Constantza, cidade da foz do Íster (baixo Danúbio), no Ponto Euximo, hoje Mar Negro, terra dos getas, lugar frio e inóspito. A ordem é imediata. O poeta dos versos amorosos de *Amores* e *Arte de Amar* percebe, assim, com muita *DOLOR* que sua trajetória de glória e fama na *Urbs* estava no fim.

Banido de Roma, por motivos políticos, a personalidade do poeta das *Metamorfoses* foi duramente abalada. O isolamento imposto ao poeta marcou-lhe, com traços indelévels, o espírito fazendo que Ovídio criasse, em algumas de suas obras escritas no exílio, uma atmosfera de sonhos e mitos onde procurava alívio e esquecimento para as suas desventuras.

Carminibus quaero miseraeum oblivia reru:
Praemia si studio consequor ista, sat est.

(*Tristia*, VII,V, vv.67-68)

Procuo nos versos o esquecimento de minhas desventuras: se consigo pela atividade literária esta vantagem é suficiente.

O *vates* que pedia que seu nome fosse festejado em todo o universo (*in toto Orbe*, A.A, II, 739-40) obteve o reconhecimento na Idade Média e no Renascimento. O Barroco o elegeu como modelo.

Nos versos finais dos *Tristia*, III:7, 51-52, o poeta reafirma a crença inabalável na imortalidade de seu nome, alcançada através da sua obra poética. Cōscio de ter cumprido a missão de um poeta inspirado, enfatiza que enquanto durar o nome de Roma, há de perdurar o do poeta.

Dumque suis uictrix omnem de montibus orbem
Prospiciet domitum Martis Roma, legar.

Enquanto Roma, filha de Marte, vitoriosa, do alto de suas colinas contemplar todo o universo subjogado, eu serei lido.

Ovídio é o próprio eu-lírico; os dísticos elegíacos, enquanto expressão da dor, refletiam o sentimento do poeta e do homem, um único ser exilado. O poeta convivia no interior do homem, inseparáveis na dor. O homem a pedir clemência ao Imperador e o poeta transformando este pedido em versos elegíacos.

Ovídio (Públio Ovídio Nasão), objeto do nosso trabalho, foi o único poeta latino que sofreu as punições mais cruéis impostas pelo Imperador Augusto. O *AMOR* et *DOLOR* marcaram a trajetória da vida do poeta sulmonense: *AMOR*, por *Corina*, na *URBS* e *DOLOR*, no exílio, no *Ponto Euximo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. *História da vida privada : do império romano ao ano mil*. Org. Paul Veyne, trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

ARTE DE AMAR (ARS AMATORIA). *Ovídio*. Texto bilíngüe. Trad. de Natália Correia e David Mourão-Ferreira., com trad. erudita de Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

AYMARD, A, e AUBOYER, J. *Roma e seu império*. São Paulo: Difel, 1980.

AZEVEDO, Fernando de. *O desterro de Ovídio*. In: ——. No tempo de Petronio, p. 147-155 em *Obras Completas*, vol. II. São Paulo: Melhoramentos. 3ª ed. ver. e aum. 1962

BAYET, J. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1962, 10ª ed. rev. e corr.

BORNECQUE, Henri. *OVIDE*. Traduit par Marcel Prévost. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. 2ª ed. São Paulo: Ática. 1986.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARCOPINO, J. *A vida em Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARVALHO, A.J. F. de *Dicionário das instituições, usos e costumes romanos*. Braga: Imprensa Henriquina, 1904.

CATULO.O. *Cancioneiro de Lésbia*. Trad., introd. e notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. Edição bilíngüe. São Paulo: Hucitec., 1991.

CATULO. *O livro de Catulo*. Trad. comentada dos poemas de Catulo por João Ângelo Oliva Neto São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

FRAENKEL, H.F. *OVIDE, a poet between two words*. Berkeley, 1945.

GRANAROLO, Jean. *L'Ouvre de Catulle; aspects religieux, éthiques et stylistiques*. Paris: Belles Lettres, 1979.

Grant, Michel. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GRIMAL, Pierre. O amor em Roma. (L'Amour a Rome). Trad. de Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins fontes, 1991.

———. *Le Lyrisme à Rome*. Paris: Press Universitaires de France, 1978, 1 ed. .

GUILLEMIN, A .M. *Le public et la vie littéraire a Rome*. Paris: Les belles Lettres, 1937.

LOPES, Eliana da C. *Heróides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio Janeiro, 1993. (Dissertação de Mestrado).

LUQUE MORENO, J. *El dístico elegíaco*. Lecciones de métrica latina. Madrid, 1994.

NOVAK, Maria da Glória e NERI, Maria Luiza (orgs.). *Poesia lírica latina*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OVÍDIO. *Obras: Os Fastos, Os Amores, A Arte de Amar*. 2ª ed. Trad. de Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: Cultura, 945.

OVÍDIO: *Poemas da carne e do exílio*. Seleção, trad., introd. e notas: PAES, José Paulo. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

PAOLI, U.E. *Vita romana*. 6ª ed. Firenze: Le Monnier, 1951.

PEREIRA, M.H.R. *Estudos de Histórias da cultura clássica*. 2ª ed. Vol.2 –Cultura Romana. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

PINTO, Edith Pimentel. *Ovídio e a época de Augusto*. Revista de História. São Paulo: Univ. de São Paulo, Soc. de Estudos Históricos, 1(4): 453-484, out / dez. .1950.

RIPERT, Émile. *Ovide: Les Tristes – Les Pontiques – Íbis – Le Noyer Halieutiques*. Paris: Librairie Garnier Frères, [s/d.].

———. *Ovide, poète de l'amour, des dieux et de l'exil*. Paris: Armand Collin, 1921.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana*. Trad. M. M. Nascimento e M. G. S. Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VILLENAVE, M.G.T. *Ovidius: vie d'Ovide, sec. de Auguste*. Chez F. Gay.

WILKINSON, L. P. Greek influence on the poetry of Ovide. Discussion. In: *L'Influence Greek sur La Poésie Latine de Catulle à Ovide* par Jean Bayet et alii. Vandoeuvres: Fondation Hardt, 1953 v.2, p. 223-4.